

Viagens

Outra Índia

Não se fica com inveja do viajante, fica-se-lhe grato pela generosa magia de converter vários dias de viagem em menos de 150 páginas de puro prazer.

Gustavo Rubim

O Murmúrio do Mundo.

A Índia Revisitada

Almeida Faria

Tinta-da-china

★★★★★

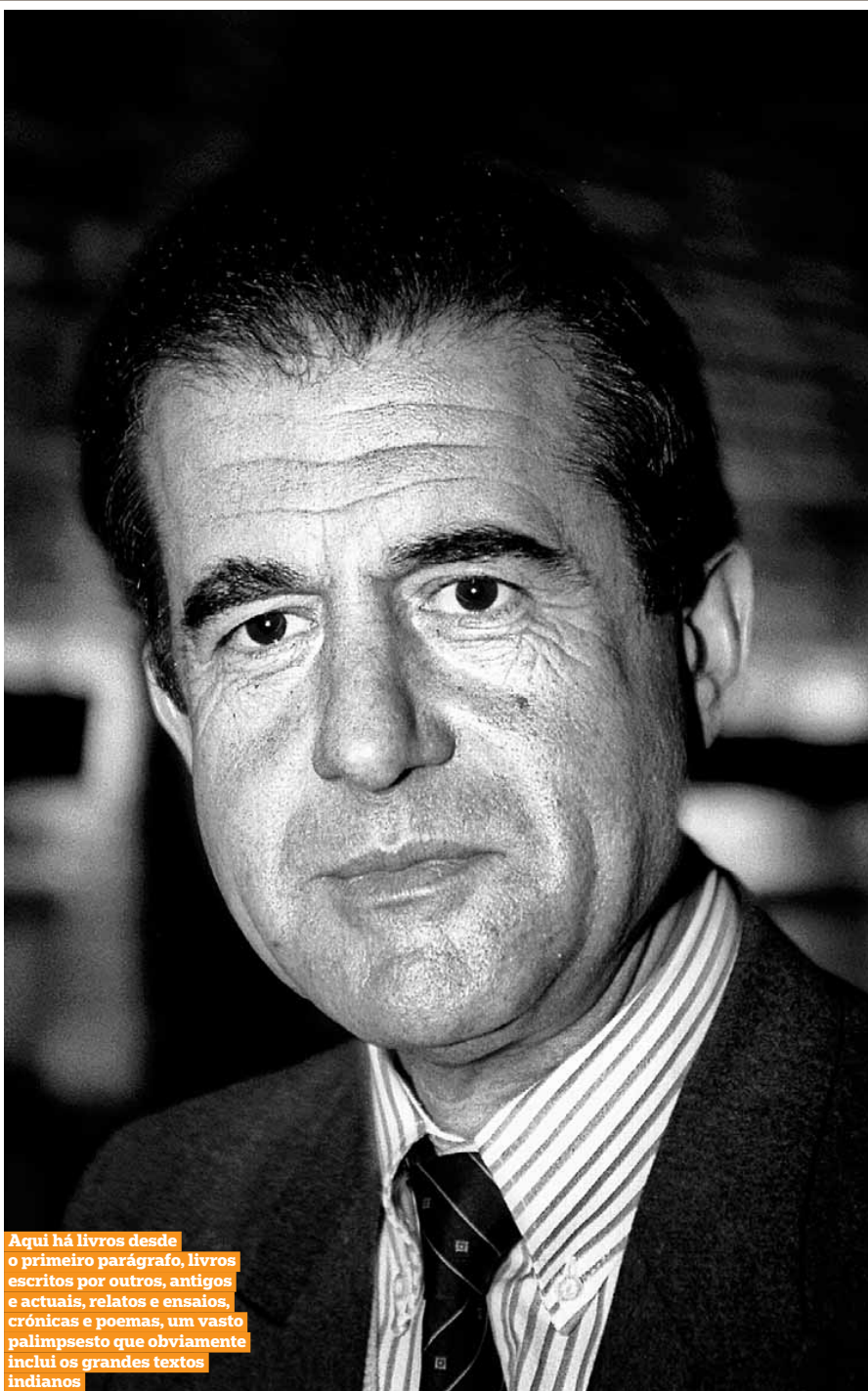


Se faltasse alguma prova para demonstrar que a escrita de viagens é essencial à ideia de literatura, este livro de Almeida Faria bastaria para a suprir. Não

é só o título - "O Murmúrio do Mundo" - que consegue, sozinho, ser outro nome da literatura. É o próprio subtítulo, "A Índia Revisitada", que não oculta alusões evidentes (incluindo a um famoso ensaio de Eduardo Lourenço, que assina o prefácio), quer sejam à tradição literária portuguesa e a um dos seus grandes mitos, quer a toda a literatura enquanto revisitada incessante: rescrita, releitura, regresso aos mesmos lugares que nunca são os mesmos.

Mas nada de enganos: a prosa de Almeida Faria dá o que promete, uma viagem à Índia, sobretudo a Goa e a Cochim, realizada em 2006, sob o patrocínio do Centro Nacional de Cultura. Como se sabe, os melhores leitores de prosa de viagens são os que nunca foram aos sítios de que os livros falam e quem nunca foi a Goa, a Cochim ou a Mumbai, vê-se aqui transportado com leveza e elegância ao interior desse mundo que no entanto lhe continuará estranho e longínquo. Não se fica com inveja do viajante, fica-se-lhe grato pela generosa magia de converter vários dias de viagem em menos de cento e cinquenta páginas de puro prazer para a imaginação e a inteligência.

Nisso, também, a escrita de viagens é uma afirmação da literatura, por muito que certos estudiosos pós-coloniais se queiram convencer de que só há nela ideologia bem ou mal disfarçada. Na literatura, explicou Barthes, há tudo, todos os saberes e há sobretudo o sabor desses saberes. A prosa de Almeida Faria, que é no essencial prosa clássica, muito bem medida, é exímia na manipulação do sabor ou,



Aqui há livros desde o primeiro parágrafo, livros escritos por outros, antigos e actuais, relatos e ensaios, crónicas e poemas, um vasto palimpsesto que obviamente inclui os grandes textos indianos

para falar de acordo com o livro, é exímia na condimentação da Índia. A memória do império colonial português, memória de igrejas e feitorias, de casamentos e de condenações à fogueira, de cobiça e de fascínio, de dominações e de ruína, é trazida sem sombra de nostalgia ou ressentimento, afinal

mais como parte das "mil faces da Índia" do que como depressivo destroço da história nacional.

Na era pós-Edward Said, escrever sobre a Índia é correr o risco de ser lido como um "orientalista", mas "O Murmúrio do Mundo" escapa desse destino mostrando onde estava a debilidade da teoria de Said: na

crença de que o "orientalismo" resultava de uma visão livresca do mundo. Aqui há livros desde o primeiro parágrafo, livros escritos por outros, antigos e actuais, relatos e ensaios, crónicas e poemas, um vasto palimpsesto que obviamente inclui os grandes textos indianos, dos "Vedas" ao "Kama Sutra",

← sem esquecer os romances de Salman Rushdie. "Índia" quer ao mesmo tempo dizer um grande país algures na Terra e um vasto arquivo espalhado por toda a Terra. Em boa parte esse arquivo foi escrito em português desde o fim do séc. XV e Almeida Faria joga às claras com tal parte do arquivo: tudo tem agora de ser escrito doutra forma, no tempo dos "cómodos incómodos dos nossos passeios aéreos", tão diferente do "dos homens das armadas de outrora, amontoados em acanhados cascos de naus e bergantins".

Ler é quase a primeira coisa que este viajante faz, instalado no "gigante volante" e sem conseguir dormir. Ler, citando, sem aspas, sem indicação clara do citado, será uma das coisas que fará nas últimas linhas do curto capítulo do "Regresso". É afinal uma poética: hoje, todo o viajante é leitor (nem só de viagens) e só isso faz dele um viajante realista, sobretudo se a viagem for à Índia. O sentido histórico tem aqui a forma dos textos e da arte de ler neles o tempo que passou a ponto de já não estarmos certos do que nos liga ao que neles está escrito, se alguma ligação há. Sem esse realismo, não há o outro, que permite gravar, por exemplo, a fachada da igreja de Santa Maria de Kaduthuruthy, onde "a Santíssima Trindade coabita com dois assanhados dragões de boca aberta e cauda alçada (...) e com duas nagis semelhantes a sereias de tronco rosado e rabo de peixe azulado (...)". Ou as particularidades de um espectáculo de teatro Kathakali; ou os detalhes do pagode goês de Shri Manguesh; ou a paisagem também goesa de uma "várzea de arroz crestada pelo sol e rodeada por mangues e coqueirais que a brisa morna e mole mal tocava".

Isso faz o murmúrio do mundo indiano e a atenção que ele requer, aqui redobrada pela atenção de Bárbara Assis Pacheco, que também fez a viagem e ilustra (a palavra está errada) estas páginas da maneira mais perfeita. Mas este não seria um livro de Almeida Faria se daí se não destacasse uma voz estranha e inesquecível.

Essa voz chega na figura de um homem que em Goa se faz à conversa com o viajante, vestido anacronicamente. No final da conversa, em que relata uma vida de pintor, nascido em Bruxelas, que abandona a pintura pouco depois de chegar à Índia, o homem lá diz o seu nome, que é Miguel. Aliás, Michiel: "Michiel quê? Sweerts, Michiel Sweerts, e soletrou o sobrenome duas vezes." Com pouca pesquisa, qualquer um entenderá o que isto implica: que não há viagem que evite um encontro com fantasmas. Já o que isso significa é outra coisa e, a bem dizer, nunca se lá chegará sem ler muito bem pelo menos este livro. →

Almeida Faria

A dupla viagem

É a 'crónica' de uma viagem a Goa e Cochim, via Bombaim, organizada pelo CNC, mas é muito mais do que isso - como aqui se verá pelos excertos do magnífico prefácio do ensaísta de *Heterodoxias*, e da própria obra, que aqui antecipamos, bem como duas das ilustrações de Bárbara Assis Pacheco. Além disso, o próprio autor nos fala do livro (Ed. Tinta da China), que chega às livrarias a 19 e será apresentado a 24 nas Correntes d'Escritas



Ilustrações de Bárbara Assis Pacheco. Uma mais valia deste livro do romancista

Eduardo Lourenço

« A viagem à Índia é para nós portugueses uma viagem a nenhuma outra comparável. Para nós inaugurou um tempo para sempre fora do tempo. Um tempo destinado a ser o único tempo da nossa História com a configuração de mito universal. Foi-o na hora mesma em que lá chegámos. Como a viagem à lua, há meio século. Foi no círculo desse acontecimento que nos

demos então um passado grego e romano idealizado que nunca tínhamos tido. Aquele que um poema converteu na única memória que, desde então, nos serve de presente imemorial e eterno, ao mesmo tempo.

Toda a viagem é viagem à Índia, exigindo-nos que a refaçamos perpetuamente como para nos convencermos que a mais onírica das nossas peripécias de pequeno povo do Ocidente não foi o puro sonho que também foi. Não vamos lá

à procura de um continente de fábula onde a imaginação e seus delírios são a prosa mesma da realidade, como o autor deste *Murmúrio do Mundo* tão bem sublinha. Por sua vez, essa fantástica realidade é não só uma tapeçaria fantasmagórica sem igual mas, ao mesmo tempo, uma alegoria vivida de uma viagem como procura de nós mesmos. Não de nós e do passado antes de lá termos aportado, mas de nós para sempre outros e únicos, por esse

encontro com um mundo que nada tinha a ver conosco mas que logo nos deslumbrou pelo espetáculo da sua irre realidade, como se fosse um outro mundo (e era e ainda o é...), um mundo que, como por magia e sem nada nos dar de visceralmente seu, nos deu uma outra existência e, sem o sabermos, uma outra alma.

Com a chegada e a estadia de séculos na Índia começava então a mais paradoxal metamorfose que a história do Ocidente conhecerá. Por misteriosa alquimia a nossa ocidental praia lusitana conhecerá, um dia, o mais paradoxal destino, o seu destino - Álvaro de Campos, a de ser por dentro e, pessoalmente, um "Oriente a oriente do Oriente".

Lá era um pouco assim que a Lisboa do século XVI podia ser vivida pelos "nórdicos" que nos visitavam e vinham pelo "cheiro da canela" que perfumava as nossas ruas que pareciam "sonhos". Mas só o tempo faria dessa exterior impregnação oriental essa espécie de segunda natureza nossa de retornados de uma Índia e dos seus fumos de cobiça e estática existência. Com o tempo, os fumos evaporaram-se, ficou apenas o perfume e a nostalgia de uma glória longínqua, menos no espaço que na memória. E quando de todo os últimos ecos de uns e de outros se extinguíram, ficou a lembrança nunca extinta desse momento imperial exigindo de nós a repetição simbólica da viagem das viagens num mundo onde a viagem é só quase imagem poética ou mesmo anacrônica.

A singular "Viagem à Índia" do autor de *A Paixão* e de *Lusitânia* não é nem uma coisa nem outra. De algum modo, e como não poderia deixar de ser, é antes uma espécie de "peregrinação de dupla face" à Índia real, agora saída, espectacularmente, do seu adormecimento mítico. É a mesma das evocações clássicas

do antigo continente dos marajás e dos párias e agora extremamente pós-moderna, se o tempo indiano consente esta invenção europeia, dinâmica, inovadora, que espanta o mundo e simultaneamente à Índia da nossa memória de portugueses. Destes dois tempos, Almeida Faria compôs um só texto de original poética interseccionista. Não é precisamente a sua *Índia Song* mas uma partitura ficcional que cruza os nossos textos imemoriais de Quinhentos com o texto da realidade da Índia de hoje, tão outra daquela que os nossos cronistas do Oriente, olhos ainda virgens de ocidentais, podiam reflectir realisticamente.

Pela sua estranheza absoluta e mau grado as vagas de ocidentalização, a começar pela nossa, periférica, e a acabar na inglesa - interna e duradoura - o encontro com a Índia continua



Almeida Faria compôs uma partitura ficcional que cruza os nossos textos imemoriais de Quinhentos com o texto da realidade da Índia de hoje

a surpreender, a interpelar pelos seus contrastes que têm a espessura de séculos. É uma terra que logo nos envolve, de um envolver que Almeida Faria assimila a uma "dissolução".

Talvez não seja por acaso que Almeida Faria, apenas desembarcado e confrontado com a Índia real, a caoticidade humana, para nós ocidentais, de uma cidade como Bombaim, antiga terra da presença lusitana oferecida de graça à nossa "aliada" Inglaterra, recebe no

O Murmúrio do Mundo

« (...) Casamentos destes, entre europeus e gentias convertidas, deram origem aos chamados descendentes. Mas as castas dominantes - brámanes (casta letrada, de origem sacerdotal, nascida da boca do primeiro ser humano) e chardós (casta guerreira e governante, nascida dos míticos braços desse ser primordial) - pretenderam manter-se intocadas por sangue europeu, considerando-se uma

espécie de aristocracia rural. A família Figueiredo, em Loutolim, na margem esquerda do Zuari, dona de latifúndios há nove gerações, continua a viver no seu palácio com varanda corrida ao nível do primeiro andar da extensa frontaria, interrompida só pelo pórtico a que chamam balcão e que encima a escada exterior de acesso à casa. Maria de Lourdes Figueiredo Vieira

de Albuquerque passa parte do ano em Lisboa, é NRI (Non Resident Indian) e recebeu-nos, loquaz, no elegante salão de baile com móveis indo-portugueses, velhos retratos, um exército de cadeiras ao longo das paredes e vitraças abertas para que o ar abafado circulasse. Enquanto Dona Maria de Lourdes evocava figuras da família, repetindo, talvez sem dar por isso, a frase «Nós, lá

almeida faria o murmúrio do mundo o murmúrio do mundo em Portugal», sentei-me junto a uma janela, estonteado pelo calor e pelo colar de histórias da dona da casa, e avistei no pátio um homem de chapéu mole, barba e bigode, corpete verde, calças cor de açafrão, botas de cano flexível e uma curta espada bastarda, emalhada e decorativa. Sorria para mim com ar de quem me conhecia e, pelo movimento dos lábios, parecia-me que murmurava algo. Estremeci como se despertasse, ao voltar a olhar já ele lá não estava.

Diante da casa, à saída,

reparei melhor na várzea de arroz crestada pelo sol e rodeada por mangues e coqueirais que a brisa morna e mole mal tocava. Na lonjura, a mancha escura de um búfalo. Mais perto, mulheres de saias claras meio metidas na água mondavam o arrozal. Se, em vez de vírmos no tempo da monda, tivéssemos vindo na sementeira, veríamos os diabos fazendo barulho:

Quando querem semear o arroz, observam este uso. Primeiro aram a terra com os bois, à nossa maneira, mas quando semeiam o arroz no campo têm todos os instrumentos musicais da



Índia Uma espécie de "peregrinação de dupla face"

corpo e na alma essa mensagem que é já em si a quinta-essência do continente indiano.

Em última análise, lendo esta tão original crônica de uma não menos singular viagem que é, sobretudo, viagem ao nosso próprio passado de "gloriosos conquistadores", agora só a braços com monumentos sem mais vida e leitura que a da nossa imperial nostalgia - no melhor dos casos - o que Almeida Faria acabou por escrever foi o mais melancólico dos *Requiem* por esse esplendor, real e onírico, do nosso perdido Império. Os capítulos

consagrados a Cochim e Goa farão para sempre parte dessa partitura póstuma que o fim do nosso império histórico não mereceu. Na verdade só o da Índia foi o único que mereceu revisitar-se e numa ficção mais fabulosa que a mais fabulosa legenda do nosso momento imperial, Nietzsche escreveu "crísticamente" que só os túmulos conhecem as ressurreições. Só a ficção tem esse poder. O seu *Requiem*, menos pelo império havido que pelo império perdido e, por perdido, mais sublimado que o de Camões, é o triunfo puro da ficção. E o regresso de um grande romancista ao prazer, sem melancolia, da ficção. **✎**

cidade que tocam continuamente, fazendo alegre barulho. Ao mesmo tempo, dez ou doze homens vestidos de diabos, juntamente com os músicos, fazem grande festa, para que o diabo faça produzir grande quantidade de arroz.

De manhã visitáramos em Chandor, a vinte quilómetros de Margão, a casa apalaçada dos Menezes de Bragança, goeses cristãos que adotaram o apelido da última família real portuguesa. No rés-do-chão do século dezassete, a luz ainda é coada por translúcidas placas de madreperola presas entre

caixilhos, enquanto no piso nobre as largas janelas de sacada são já envidraçadas. Dentro, por todo o lado louça chinesa de quando os barcos vindos da China para a Europa carregados de mercadorias faziam escala em Goa. A galeria de vinte e oito janelas, a sala de baile com o cadeirão em pau-rosa excessivamente trabalhado, os armários da biblioteca atafalhada de clássicos portugueses, os aposentos privados, tudo exalava um exausto cansaço. Diz-se que a capela privada, também em talha dourada, se orgulhava de guardar a relíquia de uma unha de Francisco Xavier, o

“Deu-me mais trabalho do que qualquer dos romances”

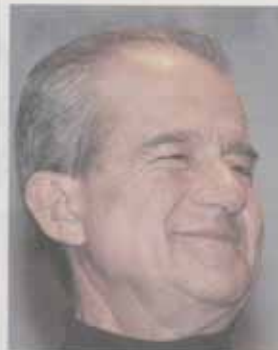
Com apenas 19 anos Almeida Faria publicou, em 1962, o seu primeiro romance, *Rumor Branco*, que teve uma entusiástica receção crítica e desde logo o impôs na literatura portuguesa. Aos 22 um novo romance marcante, *A Fúria*, com que iniciou a Trilogia, que se transformaria em Tetralogia, *Lusitana* - cujo 2.º volume *Cortez*, só saíra 13 anos mais tarde, em 1978, seguindo-se *Ihe Lusitânia* (80) e *Cavaleiro Andante* (1983). E o seu último romance, *O Conquistador*, é de 1990. Antes deste, duas novelas e um ensaio; depois, em 1998 e 99, duas peças de teatro. Assim, com esta bibliografia e estas datas, se alcança melhor o significado da publicação agora, aos 68 anos, deste livro que como se vê do texto de Eduardo Lourenço está longe de ser apenas a narrativa ou crónica de uma viagem.

Jornal de Letras: Como surge na sua obra este *O Murmúrio do Mundo*?

Almeida Faria: A convite de Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do Centro Nacional de Cultura (CNC), fui como 'cronista' na viagem a Goa e Cochim, via Bombaim, organizada pelo CNC, e sugeri que a Bárbara Assis Pacheco, minha ex-aluna, nos acompanhasse como ilustradora. Valeu a pena, como se verá pelo livro, que finalmente vai sair na já famosa (graficamente e não só) coleção de viagens da Tinta-da-China.

Como foi ser o 'cronista' dessa viagem?

Bem, *O Murmúrio do Mundo* deu-me mais trabalho do que qualquer dos meus romances, excetuando talvez *O Conquistador*, que me obrigou a grandes investigações



Almeida Faria "O regresso de um grande romancista ao prazer, sem melancolia, da ficção" - E. Lourenço

sobre D. Sebastião. Embora não me fosse pedido que escrevesse sobre a geografia e a história indianas, deixei-me fascinar pelo passado, pela mitologia do hinduísmo, por dois séculos de contínuas vitórias, conquistas, derrotas, lutas religiosas e ferozes combates comerciais, os lados contraditórios da loucura coletiva da Europa em relação à Índia.

E, pelo que se vê do livro, foi ler ou rere os clássicos que escreveram a seu respeito...

Sim, li ou rili autores portugueses, desde Camões e Diogo do Couto ao admirável (como cientista e como homem) Garcia da Orta, que em 1563 publicou o seu *Tratado dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*. E descobri dois europeus não-portugueses que, levados pela mesma vertigem, moraram e morreram na Índia "portuguesa".

Que foram?

O primeiro o jesuíta italiano Giacomo Finicio, também conhecido por Jacobo Fenicio, que passou a maior parte da vida entre Calecut e Cochim (usando aqui as designações portuguesas d'Os Lusitãns) e escreveu, em português, o *Livro da Selva dos Índios Orientais*, inédito até ao século XX. A sua única edição deve-se à Imprensa da Universidade de Uppsala e está esgotada, mas a minha tradutora Marianne Sandels teve a sorte de encontrar e oferecer-me o último exemplar, adormecido num alfarrabista sueco. Não por acaso, este *Livro* nunca foi publicado em Portugal, o que fala por si sobre o respeito que temos pela nossa cultura e língua.

E o segundo...

... foi uma ainda maior surpresa ou descoberta, o pintor flamengo Michael Sweerts (1618-1664), nascido em Bruxelas e desaparecido, sem deixar rasto, em Goa. Nada se sabe sobre as razões que o levaram à Índia, nem como foi, nem como aí viveu ou sobreviveu durante quatro anos. Ignora-se a causa da sua morte, ignora-se se foi "morte morrida" ou "morte matada", para usar a distinção tão poética de João Cabral de Melo Neto. No meu pendor para ficcionar, não resisti a encontrar-me com ele hoje, num presente que, apesar de ficcional, é fiel até aos pormenores do traje. Sweerts é um notável retratista, com quadros no Louvre, nos melhores museus holandeses (o Rijksmuseum de Amsterdão, o Boijmans van Beuningen de Roterdão) e em quase todos os grandes museus americanos e europeus. **✎**

santo de Goa, que nasceu em mil quinhentos e seis no castelo de Javier, perto de Pamplona, estudou na Sorbonne e fundou a Companhia de Jesus com inácio de Loyola.

A festa de São Francisco Xavier é a três de dezembro e, em dois mil e seis, esta data celebrava igualmente meio milénio sobre o seu nascimento. Como o três de Dezembro era domingo, a Igreja adiou as solenidades da missa pontifical para segunda-feira. Assim os festejos duraram dois dias.

Ao longo de todo o domingo, milhares de crentes foram enchendo Velha Goa, procurando

dois metros quadrados onde pudessem dormir ao ar livre, perto da derradeira estação do corpo do santo, a Basílica do Bom Jesus, mandada construir pelos jesuítas com o esplendor do seu interior barroco e a sóbria beleza da fachada em laterite avermelhada. Ao pôr do sol, filas intermináveis aguardavam a sua vez de desfilarem diante do corpo do santo, e cada palmo disponível junto à Sé ou junto à igreja vizinha, dedicada a São Francisco Almeida Faria o murmúrio do mundo o murmúrio do mundo de Assis, estava ocupado por famílias sentadas no chão, em cima de

lençóis e panos, esperando na maior tranquilidade que a noite chegasse. Diante da abandonada igreja de Santa Catarina (no sítio onde Albuquerque, em mil quinhentos e dez, justamente no dia de Santa Catarina, entrou na cidade como um imperador vitorioso), alguns peregrinos faziam um respeitoso piquenique, de vez em quando interrompido por rezas de ladainha. Quando escureceu, benzeram-se, voltados para a porta fechada da igreja e, tendono ouvido conversar enquanto descansávamos sentados nos degraus, desejaram-nos as boas-noites em português. **✎**

CULTURA
LIVROSAs nossas
Índias
privadas

O Murmúrio do Mundo é o resultado de uma viagem do escritor Almeida Faria por terras de Goa e Cochim, mas também por um outro tempo, sem fugir às «delícias da ficção»

POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA

A coleção dedicada à literatura de viagens com a marca da Tinta-da-China (e coordenação de Carlos Vaz Marques) impôs-se como se existisse há muito, e cada novo volume, de coloridas capas duras e uma identidade gráfica muito bem conseguida, é um convite a partir. Os caminhos podem começar a cruzar-se, mas o voo das palavras dos escritores, de diversas épocas e lugares, garante-nos, infinitamente, novas viagens. A coleção já nos tinha oferecido *Uma Idéia da Índia*, do italiano Alberto Moravia, e agora é a essas latitudes que regressa, a partir de uma jornada de Almeida Faria como «cronista» convidado, numa viagem a Goa e Cochim, promovida, em 2006, pelo Centro Nacional de Cultura; por sugestão do escritor, a ilustradora Bárbara Assis Pacheco também embarcou na aventura, e são dela as ilustrações que pontuam *O Murmúrio do Mundo* (e estas páginas).

Um fantasma flamengo

Quem nos recebe, à porta do livro, é Eduardo Lourenço, autor do prefácio *A Dupla Viagem*. Aí, apresenta-nos esta «partitura ficcional que cruza os nossos textos imemoriais de Quinhentos com o texto da realidade da Índia de hoje, tão outra daquela que os nossos cronistas do Oriente, olhos ainda virgens de ocidentais, podiam refletir realisticamente». Curiosamente, já tinha sido o mesmo Eduardo Lourenço a assinar, em 2010, o prefácio de *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares – uma viagem, essa, muito mais literária do que real. «Para nós, todas as viagens são viagens à Índia», escrevia.

A propósito d'*O Murmúrio do Mundo*, o pensador que, recentemente, recebeu o Prémio Pessoa, não hesita em falar do «regresso» de Almeida Faria «ao prazer, sem melancolia, da ficção». O que pensa disso o próprio escritor? «Ler Eduardo Lourenço é uma festa do pensamento, porque junta o talento reflexivo aos dons metafóricos que caracterizam a poesia», escreve Almeida Faria em resposta às perguntas da VISÃO. «Quanto a esse regresso ao prazer de ficcionar a que se refere, reconheço que ele está lá, sobretudo no encontro do narrador com o pintor flamengo que realmente viveu em Goa, porém no século XVII... A meio do livro, estava tão farto da História e dos factos, que me refugiei, durante umas páginas, nas delícias da ficção». Almeida Faria fala do pintor Michael Sweerts (1618-1664) que nasceu em Bruxelas e desapareceu misteriosamente em Goa, para agora, em pleno século XXI, ressuscitar feito personagem deste livro. Outra figura histórica, distante e desconhe-

Outras cores As Ilustrações de Bárbara Assis Pacheco ajudam-nos a viajar até à Índia neste *Murmúrio do Mundo*

cida, é-nos apresentada nestas páginas (mas sem direito a erigir-se como personagem ficcionada): Giacomo Finicio, jesuíta italiano, nascido em 1558, que, embarcado para a Índia, escreveria «em português quase sem erros» o *Livro da Seita dos Índios Orientais*, que se manteve inédito até 1933 e nunca foi disponibilizado em Portugal. Há, pois, espaço para revelações, num livro que, apropriadamente, se inicia e termina com fugazes passagens por aeroportos, total antítese das viagens de há séculos.

'A transitoriedade do mundo'

Haverá, neste *Murmúrio do Mundo*, algo sobre o Portugal de hoje? Há um eco do Império perdido – e das Índias, até num sentido metafórico – no Portugal de 2012? Perguntas para o escritor reponder: «Portugal sonhou-se império, e



O LIVRO

O Murmúrio do Mundo é, nas palavras de Eduardo Lourenço, «uma «partitura ficcional» sempre entre passado e presente



tanto sonhou, que um dia um príncipe português se metamorfoseou em primeiro imperador do Brasil... Tendemos a cair no irrealismo, já visível em documentos dos séculos XVI e XVII que cito neste livro. Diante das dificuldades atuais, continuamos a evocar grandezas e glórias de outrora, continuamos a falar nos famosos quase nove séculos de História. As pessoas e os países que olham obsessivamente para o passado têm dificuldade em enfrentar o dia a dia. E o futuro, mais ainda.»

Na verdade, é também o mundo ocidental, tal como estamos habituados a vê-lo das janelas europeias, que se coloca em causa, ainda hoje, quando rumamos à grande Ásia: «Nestas viagens ao Oriente, percebemos melhor a transitoriedade do mundo e a nossa própria, o bombástico *Ego* ocidental torna-se mais questionável, os padrões ocidentais revelam-se mais ilusórios, aprendemos a ver a estranheza, nossa e alheia. Qualquer lugar é um labirinto feito de diferentes camadas de tempo e das nossas ideias sobre o tempo.»

'Sempre escrevi fragmentos'

O tempo é uma questão curiosa, na obra de Almeida Faria, 68 anos. Estreou-se – espetacularmente, pode dizer-se – nas

letras portuguesas aos 19 anos, em 1962, com o romance *Rumor Branco*, a apontar para o futuro. Desde aí, publicou mais cinco romances – a saber: *A Paixão* (1965), *Cortes* (1978), *Lusitânia* (1980), *Cavaleiro Andante* (1983) e *O Conquistador* (1990), este último inspirado na figura de Dom Sebastião –, todos eles traduzidos em várias línguas. «Escrever é, para mim, puro prazer. Publicar é o preço a pagar por esse prazer. Prefiro as volúpias da escrita às dores do parto de corrigir e publicar. Segundo Cioran, publicar um livro traz consigo as mesmas complicações que um casamento, ou um enterro», diz (na verdade, escreve) à VISÃO.

Assinou, ainda, peças de teatro e contos. Um deles (*Os Passeios do Sonhador Solitário*), editado originalmente em 1982, com ecos das *Rêveries d'un Promeneur Solitaire*, de J.J. Rousseau, ganhou nova vida, no final de 2011, com a estreia na Casa da Música, no Porto, de um espetáculo, com música de Luís Tinoco e libreto do próprio Almeida Faria (editado também em 2011, na INCM, juntamente com o original, e desenhos de Mário Botas). «Gosto de experimentar outras formas ficcionais. Não me importaria

nada de repetir esta exaltante experiência, nova e extraordinária», diz.

Quanto a um regresso, de maior fôlego, às tais «delícias da ficção», o escritor não se compromete, mas explica-se: «Talvez o meu fôlego não dê para mais que duzentas, trezentas páginas», diz-nos. «O meu romance mais longo, *Cavaleiro Andante*, tem 300 e poucas, divididas em pequenos capítulos que no fundo são fragmentos. E já o primeiro, *Rumor Branco*, dividia-se em 'fragmentos', não em capítulos. Por falta de tempo ou de paciência, desde sempre escrevi fragmentos. A ficção convencional, as histórias simplesmente bem contadas pouco me interessaram. O que me interessa são histórias que nos fazem pensar, quer sobre a história contada, como as parábolas de Kafka, quer sobre a transgressão e compressão da linguagem, como a prosa de Joyce, Beckett ou João Guimarães Rosa.»

Por agora, *O Murmúrio do Mundo* é apresentado hoje, 16, ao fim da tarde, no Centro Nacional de Cultura e será um dos livros-protagonistas da edição deste ano das Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim, já de 23 a 25 de fevereiro. Um *Murmúrio* que, necessariamente, vai falando, baixinho, com cada vez mais interlocutores. □